



**CURSO DE PSICOLOGIA**

**SYLDER SÂNNYA SILVA CARVALHO**

**A PERMANÊNCIA DE MULHERES NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA  
DOMÉSTICA E AS SUAS VULNERABILIDADES**

**FORTALEZA**

**2023**

**SYLDER SÂNNYA SILVA CARVALHO**

**A PERMANÊNCIA DE MULHERES NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA  
DOMÉSTICA E AS SUAS VULNERABILIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial à obtenção do título de  
Bacharel em Psicologia pela Faculdade Ari de  
Sá.

Orientadora: Profa. Ma. Kayline Macêdo Melo

Aprovado(a) em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Ma. Kayline Macêdo Melo  
Faculdade Ari de Sá

---

Profa. Dra. Elívia Camurça Cidade  
Faculdade Ari de Sá

---

Prof. Dra. Glysa de Oliveira Meneses  
Centro Universitário Christus

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Faculdade Ari de Sá  
Gerada automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

C331a CARVALHO, SYLDER SÂNNYA SILVA.  
A PERMANÊNCIA DE MULHERES NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E AS SUAS  
VULNERABILIDADES / SYLDER SÂNNYA SILVA CARVALHO. – 2024.

21 f.

Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Ari de Sá, Curso de Psicologia, Fortaleza, 2024.

Orientação: Prof. Me. Kayline Macêdo Melo.

1. Mulheres. 2. Relacionamento Abusivo. 3. Violência Doméstica. 4. Vulnerabilidades. I. Título.

CDD 150

---

## A PERMANÊNCIA DE MULHERES NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E AS SUAS VULNERABILIDADES

Sylder Sânnya Silva Carvalho

Kayline Macêdo Melo

### RESUMO

Tendo em vista os altos índices de violência contra as mulheres, principalmente vinculados ao contexto doméstico de relações amorosas abusivas, nos quais as mulheres são as principais vítimas, entende-se que diversos fatores contribuem para que elas permaneçam nessas relações. Desta forma, o presente estudo objetiva investigar as condições de vulnerabilidade que contribuem para a permanência de mulheres em relacionamentos amorosos permeados pela violência doméstica. Para isto, utilizou-se de uma revisão integrativa, com pesquisas nas bases de dados SCIELO e LILACS. Utilizaram-se como descritores e marcadores booleanos: “violência doméstica” AND “dependência” e “domestic violence” AND “dependency”. Além disso, foram selecionados artigos completos, empíricos ou de revisão de literatura, com dados oriundos e produzidos em território nacional, publicados em português e inglês e entre os anos de 2018 a 2023, e foram excluídos artigos duplicados nas bases de dados utilizadas, que não tinham relação com o objetivo da pesquisa e que não estavam disponíveis o acesso ao artigo de forma gratuita. Os resultados evidenciaram a vulnerabilidade das mulheres diante da desigualdade de gênero e da relação de poder dos homens, constituído historicamente com a normalização e invisibilização do sofrimento das mulheres, seja por meio de violências físicas, psicológicas ou morais, por exemplo. Reforçou-se também o quanto os fatores sociais são determinantes para a propensão da violência doméstica e comunitária contra as mulheres. Por fim, os estudos encontrados retratam as diversas condições de vulnerabilidade que reforçam e contribuem para o contexto da violência doméstica e a dificuldade de desvinculação das mulheres nessas relações.

**Palavras-chave:** Mulheres. Relacionamento abusivo. Violência doméstica. Vulnerabilidades.

### ABSTRACT

Given the high rates of violence against women, mainly linked to the domestic context of abusive romantic relationships, in which women are the main victims, it is understood that several factors contribute to them remaining in these relationships. Therefore, the present study aims to investigate the conditions of vulnerability that contribute to women remaining in romantic relationships permeated by domestic violence. For this, an integrative review was used, with searches in the SCIELO and LILACS databases. The following Boolean descriptors and markers were used: “domestic violence” AND “dependency” and “domestic violence” AND “dependency”. Furthermore, complete, empirical or literature review articles were selected, with data originating and produced in the national territory, published in Portuguese and English and between the years 2018 and 2023, and duplicate articles in the databases used were excluded, which had no relation to the objective of the research and that access to the article was not available free of charge. The results highlighted the vulnerability of women in the face of gender inequality and the power relationship of men, historically constituted with the normalization and invisibilization of women's suffering, whether through physical,

psychological or moral violence, for example. It was also reinforced how social factors are determinants of the propensity for domestic and community violence against women. Finally, the studies found portray the various conditions of vulnerability that reinforce and contribute to the context of domestic violence and the difficulty of separating women from these relationships.

**Keywords:** Women. Abusive relationship. Domestic violence. Vulnerabilities.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho se trata do estudo sobre a repetição do comportamento de permanência das mulheres em relacionamentos amorosos permeados por violência doméstica, com foco no tipo de violência psicológica e o fator da dependência. As mulheres são as principais vítimas de violência doméstica, além de serem as menos entendidas e validadas quanto a sua posição de vítima, chegando a ser culpabilizadas pelas violências sofridas. Mesmo com os avanços do século XXI com o acesso à informação, no qual uma parte das mulheres tem se sentido encorajadas a denunciar as violências sofridas, tantas outras ainda permanecem nos relacionamentos abusivos (Souza; Costa, 2019).

No decorrer do curso de Psicologia, muito se estuda sobre as relações humanas, o funcionamento dos relacionamentos, sejam eles saudáveis ou não, e a importância dessa identificação pelos indivíduos envolvidos, sobretudo para aqueles que chegam aos profissionais em situação de sofrimento. Na disciplina de Estágio Supervisionado Profissionalizante I, realizado no Serviço Integrado de Psicologia (SIP), da Faculdade Ari de Sá, a demanda de mulheres que vivenciam um relacionamento abusivo esteve presente como temática recorrente na clínica. A partir disso, despertou-se o interesse em aprofundar os estudos e compreender melhor o funcionamento dos relacionamentos abusivos e a permanência das mulheres nessas relações.

Segundo Araújo (2020), na sociedade atual, domina o patriarcado, o machismo e as demais manifestações da dominação masculina sobre o gênero feminino. Há séculos, a posição da mulher é de submissão e desvalorização, principalmente no que diz respeito ao lugar de fala, puramente por condições de gênero. Nas últimas décadas, têm se falado sobre o lugar da mulher e as posições que estão ocupando, especialmente com o crescimento dos movimentos feministas. Os relacionamentos abusivos sempre permearam a vida de diversas mulheres, mas é relativamente atual a discussão acerca dessa temática. De acordo com Guimarães e Pedroza (2020, p. 257) “a visibilidade política e social desta problemática tem um caráter recente, dado que apenas nos últimos 50 anos é que tem se destacado a gravidade e seriedade das situações de violências sofridas pelas mulheres em suas relações de afeto”.

De acordo com Lourenço e Costa (2020), a violência contra a mulher é a vertente mais frequente da violência doméstica, sendo os parceiros íntimos a maioria dos agressores. Dessa forma, o estudo aqui apresentado trata como sinônimos os termos de violência contra a mulher, violência doméstica, violência entre parceiros íntimos e relacionamento abusivo. Geralmente, ao iniciar um relacionamento amoroso as pessoas buscam o compartilhamento de situações agradáveis da vida e satisfação emocional. No entanto, essa experiência não fica isenta das emoções desagradáveis, dos medos e do sofrimento, podendo ser difícil manter um relacionamento saudável quando surgem os desafios do cotidiano (Paim; Cardoso, 2022). Sobre o relacionamento abusivo vivenciado por algumas mulheres tem-se que:

Estas relações são caracterizadas por jogos de controle, manipulação, ciúmes excessivo, violência e frieza emocional. Trata-se de um relacionamento baseado no controle sobre a figura feminina, censurando suas ações e vontades a partir de apelações emocionais em um jogo de sentimentos. Assim, o homem estabelece o comando na relação, sujeitando a mulher a agir de acordo com aquilo que ele julga correto independentemente das vontades que esta exprime. (Leão, 2017, p.10).

De acordo com a Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres (Brasil, 2011), os homens são violentados de formas diferentes das mulheres, isto é, enquanto eles são mais atingidos em espaços públicos, elas sofrem diariamente situações de abusos e agressões dentro do próprio lar, geralmente praticados pelos companheiros e familiares. A definição de violência contra as mulheres, adotada pela Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres (Brasil, 2011, p. 7), constitui “qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado”, que tem por base a questão de gênero, permeado por raízes histórico-culturais, questões étnico-raciais, de geração e classe. Esta violência é um problema social e de saúde pública em que, segundo Oliveira et al. (2018), a agressão praticada contra as mulheres entre 15 e 44 anos é responsável por mais mortes do que a malária, o câncer e os acidentes de trânsito. Nesse sentido, a violência é uma questão de nível relacional e societal que requer mudanças educativas, culturais e sociais para o seu reconhecimento e enfrentamento.

Conforme descrito pela Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres (2020, p. 10), na cartilha *Enfrentando a Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher*, essa violência é “aquela que mata, agride ou lesa física, psicológica, sexual, moral ou financeiramente a mulher”. A violência física pode ser composta por ações como bater, empurrar, ferir, lançar objetos em direção à mulher, chutar, ou seja, ações que coloquem em risco a integridade e saúde corporal. Na violência psicológica, consideram-se ações que causem diminuição da autoestima,

constrangimento, manipulação, chantagem, insulto, ridicularização, limitação do direito de ir e vir, isolamento de amigos e familiares, entre outros. A violência sexual é toda aquela que força a mulher a ter ações sem que ela queira, como presenciar ou manter ato sexual, através de ameaça, constrangimento físico, força ou moral. A violência moral é quando a mulher é posta diante da sociedade com mentiras, ofensas ou sendo acusada de algo que não fez. Já a violência patrimonial ou financeira pode ser vista por meio da destruição dos materiais profissionais da mulher para impedi-la de trabalhar, da retirada ou controle do dinheiro da mulher, destruição de fotos e documentos pessoais (Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres, 2020).

Segundo o Instituto de Pesquisa DataSenado (2021), na última pesquisa de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, cerca de 27% das mulheres brasileiras relataram já ter sofrido algum tipo de violência doméstica ou familiar praticada por um homem, sendo que 50% dessas mulheres relataram ter sofrido violência quatro vezes ou mais. As entrevistadas informaram qual foi o tipo de violência sofrida, resultando em 68% física, 61% psicológica, 44% moral, 20% sexual e 17% patrimonial. A pesquisa também mostra que 60% das mulheres conhecem outra mulher que foi violentada, sendo 70% de forma física.

Uma grande conquista do movimento feminista foi a criação da Lei 11.340, em 2006, específica para prevenir, punir e eliminar a violência em razão de gênero no Brasil, conhecida como Lei Maria da Penha. Ela é representada por uma história em busca de justiça ao caso de Maria da Penha Maia Fernandes, que vivenciou diversas violências por cerca de 19 anos, tornando-se posteriormente um símbolo de resistência e luta contra uma vida permeada pela violência. Na lei citada, compreendem-se as violências dos tipos física, psicológica, moral, sexual e patrimonial (Brasil, 2006).

A violência psicológica, atrás apenas da física, é considerada por Echeverria (2018) como a mais cruel, principalmente pela falta de elucidação do que é ou não abusivo psicologicamente, além de deixar sequelas em um campo não visível que pode ser facilmente desconsiderado e durar uma vida toda. Quando se trata da violência sexual, estudos apontam que, mesmo após a percepção das mulheres enquanto vítimas de abuso e o registro de queixas, elas permanecem com os companheiros agressores por mais três anos, pelo menos. Em situações como essas, as mulheres tendem a se isolar cada vez mais, perdendo, parcialmente ou totalmente, a sua rede de apoio, fator que as deixam mais vulneráveis e frágeis para a tomada de decisão e planejamento futuro (Gomes; Fernandes, 2018).

Ainda segundo a Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres (2020), a cartilha elucida que existe um ciclo de violência nesse tipo de relacionamento, sendo esta a forma usual de manifestação dos agressores, composto por três fases: 1) fase da tensão - são as primeiras

manifestações de agressão, por meio de insultos, ameaças, momentos de raiva, crises de ciúmes, destruição de objetos, entre outros. Em momentos como esse, geralmente as mulheres tentam acalmar o agressor, acreditam que ocasionaram a situação e buscam justificativas para minimizar o ato; 2) fase da agressão - o agressor se descontrola e age violentamente, com comportamentos explosivos. É marcado por agressões mais agudas e graves. Essa fase é mais curta e logo é substituída pela seguinte; 3) fase da lua de mel - momento em que o agressor fica carinhoso, pede perdão e demonstra estar arrependido pelas ações anteriores, demonstra remorso, medo de perder a companheira e faz ela acreditar na sua mudança.

Em geral, o ciclo de violência em relacionamentos abusivos se repete com um intervalo cada vez menor, tornando-se mais violento. A cada ciclo que essa mulher vivencia, mais ela fica vulnerável, desacreditada e fragilizada psicologicamente, sem conseguir ver possibilidades de enfrentamento da situação, necessitando assim de apoio externo para auxiliar no rompimento desse ciclo de abuso. Na sociedade atual são normalizadas, ignoradas e até romantizadas as situações citadas, fator que dificulta a percepção da vítima sobre a gravidade do que está vivenciando, principalmente quando se trata de violência psicológica (Albertim; Martins, 2018).

É frequente o questionamento sobre os motivos pelos quais as mulheres não saem ou não denunciam os relacionamentos abusivos. O levantamento da Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres (2020), através da cartilha, resalta alguns como: ameaças do agressor e medo do que pode acontecer com ela; dependência financeira e sensação de incapacidade; vergonha que os outros saibam que ela sofria violência; crença de que o agressor realmente está arrependido e irá mudar; crença de que a violência faz parte de todo relacionamento; sentimento de solidão e isolamento; e dependência afetiva/emocional que a faz pensar que o amor dela é tão forte que será capaz de mudar o comportamento do companheiro.

De forma mais específica sobre este último motivo, o conceito de dependência emocional, de acordo com Dias (2022), não está associado à intensidade e veracidade do sentimento pelo parceiro, mas a comportamentos disfuncionais de impulsividade, insistência em permanecer em relacionamentos que causam sofrimento e a busca de suprir determinadas necessidades afetivas por meio do parceiro. As formas de lidar com os relacionamentos afetivos na vida adulta sofrem grande influência dos vínculos e das relações vividas na infância, com conexão considerável entre o ambiente seguro e confiável que a criança se desenvolveu e a propensão por relacionamentos estáveis, por exemplo (Dias, 2022).

Ainda segundo Dias (2022), a pessoa com dependência emocional pode apresentar um perfil cognitivo permeado por insegurança e/ou abuso, advindo das experiências da infância e



adolescência. Podem apresentar também ideias enraizadas de ineficiência, impotência, sensação de ser indesejado, incapaz de receber e manter amor e intimidade, ideia de ser desprezível, sem valor e perigoso para os outros.

De acordo com Araújo (2020), é muito comum haver a culpabilização da mulher em relações de dependência emocional, pois elas têm a sensação de necessidade do parceiro, de responsabilidade total da relação e internalizam que são as suas falas e os seus comportamentos que provocam os abusos. Para a pessoa dependente emocionalmente, sob qualquer circunstância, independente do quanto a relação pode ser nociva, o importante é permanecer com o companheiro, sendo assim mais difícil de identificar que está em um relacionamento abusivo e que há necessidade de rompimento dessa relação (Araújo, 2020).

Geralmente, essas pessoas também são descritas como aquelas que têm dificuldade de tomar decisões nos relacionamentos, tem tendências a demonstrar cuidados excessivos ao companheiro e dedicar-se na resolução de problemas, mesmo que isso comprometa o seu bem-estar. Também é percebido comportamentos de submissão, insatisfação, autodestruição, sentimentos negativos, abstinência na ausência do companheiro, crise de identidade, autonegligência, necessidade de ajudar o parceiro em qualquer situação, sensação de estar presa ao relacionamento e ser incapaz de rompê-lo (Bution; Wechsler, 2016).

Conforme Riso expõe:

A dependência afetiva é um vício, depender da pessoa que se ama é uma maneira de se enterrar em vida, um ato de automutilação psicológica em que o amor próprio, o auto respeito e a nossa essência são oferecidos e presenteados irracionalmente. Quando a dependência está presente, entregar-se, mais do que um ato de carinho desinteressado e generoso, é uma forma de capitulação, uma rendição conduzida pelo medo com a finalidade de preservar as coisas boas que a relação oferece. (RISO,2009, p. 8)

Dessa forma, mesmo com a entrega incondicional do dependente, o relacionamento tende a se manter baseado nas coisas boas que acontecem ou aconteceram. A falta de consciência do problema da dependência emocional é uma das principais dificuldades de tratar esses indivíduos, principalmente pela percepção do senso comum de que todo relacionamento afetivo é permeado por dependência. Em geral, as mulheres chegam a procurar terapia após o fim do relacionamento, mas geralmente os objetivos ou metas estabelecidas ficam em torno de buscar melhorar o seu comportamento para reatar a relação (Bution; Wechsler, 2016).

Considerando os aspectos explorados anteriormente, o seguinte trabalho teve como pergunta de partida: quais são as formas de vulnerabilidade que contribuem para a permanência das mulheres em relacionamentos amorosos permeados pela violência doméstica? Entendendo-

se que essa violência, em geral, é praticada pelo parceiro íntimo e que o sentimento de culpabilização, a responsabilidade que a mulher sente pela relação, a esperança de mudança do companheiro e o medo de rejeição dos demais podem ser alguns fatores que fomentam a dependência e dificultam o rompimento do relacionamento por parte mulher. Sendo assim, o presente estudo pretendeu gerar informações que subsidiasse a atuação das redes de proteção de violência contra as mulheres, especialmente na prevenção. Nesse sentido, esta pesquisa teve como objetivo geral investigar as condições de vulnerabilidade que contribuem para a permanência de mulheres em relacionamentos amorosos permeados pela violência doméstica.

## **2 METODOLOGIA**

### **2.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA**

Esta pesquisa se caracterizou por ser uma revisão integrativa, a qual permite a síntese de diversos estudos científicos publicados em relação ao conhecimento de um assunto em específico, apontando possibilidade de melhorias nas buscas e orientando para a realização de novos estudos (Mendes et al., 2008). A pesquisa foi realizada por meio da metodologia Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA) que, de acordo com Liberati et al. (2009), tem como etapas: (1) reconhecimento da temática e demarcação da pergunta norteadora da pesquisa; (2) seleção da base de dados utilizada; (3) delimitação dos descritores a serem utilizados; (4) busca livre de artigos nas bases de dados; (5) definição dos parâmetros de inclusão e exclusão; (6) apuração dos documentos a partir de parâmetros previamente definidos; (7) coleta das informações a serem extraídas dos artigos selecionados; (8) categorização dos estudos; (9) avaliação e interpretação dos resultados; e (10) síntese do conhecimento.

### **2.2 PROCEDIMENTOS**

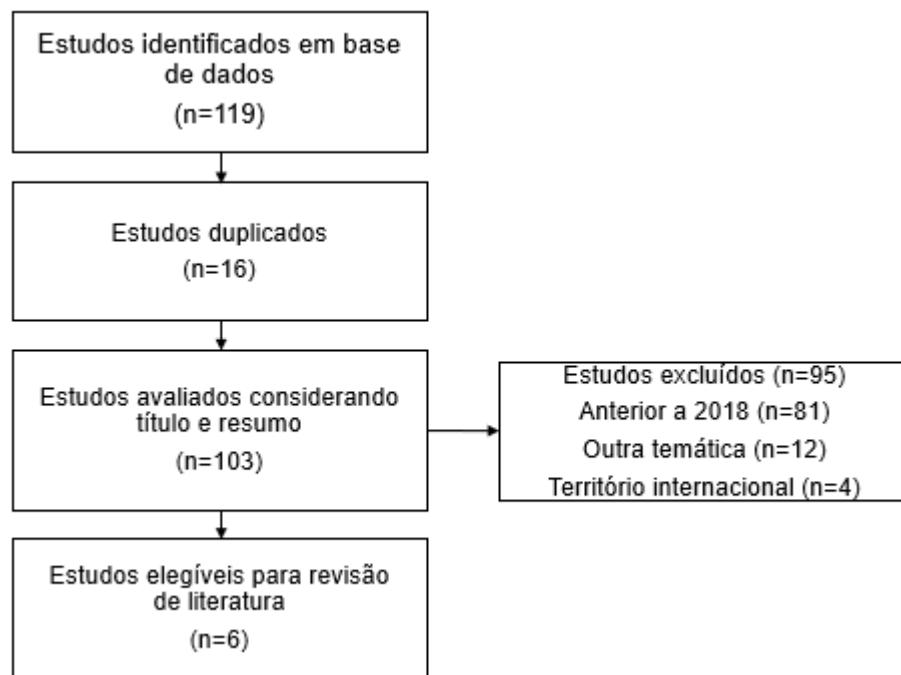
Para atingir os objetivos delineados, realizou-se uma busca em setembro de 2023 nas bases de dados online Scientific Electronic Library Online (SciELO Brasil) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Para aprimorar a realização da pesquisa, foram realizadas as combinações de descritores e marcadores booleanos “violência doméstica” AND “dependência” e “domestic violence” AND “dependency”. Inicialmente, pensou-se em realizar a busca também no idioma espanhol, utilizando os descritores e marcadores booleanos “violência domestica” AND “dependencia”. Em contrapartida, considerando a proximidade na escrita destes descritores com o idioma em português, todos os

artigos identificados nas bases de dados no idioma espanhol foram iguais aos do idioma português.

A escolha desses descritores se deu após uma busca no dicionário de terminologias do Descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Como critérios de inclusão, destacaram-se: artigos completos, empíricos ou de revisão de literatura, com dados oriundos e produzidos em território nacional, publicados em português e inglês e entre os anos de 2018 a 2023, considerando os últimos cinco anos de pesquisa sobre a temática de violência doméstica, relações abusivas e dependência emocional/afetiva, levando-se então em consideração as publicações mais recentes acerca desse tema. Os critérios de exclusão compreenderam artigos duplicados nas bases de dados utilizadas, que não tinham relação com o objetivo da pesquisa e que não estavam disponíveis o acesso ao artigo de forma gratuita.

Inicialmente, utilizando-se os descritores previamente estabelecidos, realizou-se uma busca livre de filtros e foram identificados 119 artigos. Dos trabalhos encontrados, 87 foram da base de dados LILACS e 32 da SciELO Brasil. Primeiramente, foi realizada uma seleção dos artigos por meio da leitura dos títulos e resumos, aplicando-se os critérios de inclusão e exclusão anteriormente mencionados. Nesse sentido, dos 119 artigos identificados, 16 foram excluídos por estarem duplicados, 81 por terem publicação anterior a 2018, 12 por não terem relação com o objetivo da pesquisa e 4 por não contemplar uma pesquisa realizada em território nacional. Os seis artigos restantes foram lidos na íntegra e selecionados para análise e discussão desta revisão integrativa de literatura. Para melhor compreensão da forma como a temática vem sendo abordada na literatura científica, os conteúdos dos artigos foram organizados e sintetizados por meio da Análise de Conteúdo Temática de Bardin (1977). O passo a passo da seleção dos artigos foi descrito no fluxograma disposto na Figura 1.

**Figura 1 - Fluxograma do percurso de busca e seleção de artigos.**



Fonte: Elaborado pela própria autora (2023).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente, elaborou-se uma tabela contendo os principais dados dos seis artigos encontrados. A Tabela 1 foi feita em função do título do artigo, o ano de publicação, os autores, o idioma, a base de dados pesquisada, o tipo de pesquisa e a categoria a qual o artigo faz parte e será analisado.

Tabela 1 - Principais dados dos artigos identificados na revisão integrativa

Título	Ano	Autores	Idioma	Base de Dados	Tipo de pesquisa	Categoria
Dispositivos de poder empregados por homens na violência doméstica contra a mulher: perspectiva de enfermeiros	2022	Cristiane Lopes Amarijo; Camila Daiane Silva; Daniele Ferreira Acosta; Aline Belletti Figueira; Edison Luiz Devos Barlem	Português	LILACS	Pesquisa qualitativa, descritiva, exploratória	Violência doméstica e a vulnerabilidades das mulheres
Experiências de Mulheres Vítimas de Violências	2021	Anna Júlia Veras de Lima; Leila Batista Ribeiro; Cristiane Machado do Vale de Andrade; Gabriele Soares da Silva; Lauren Canabarro	Português	LILACS	Pesquisa qualitativa e descritiva	Violência doméstica e a vulnerabilidades das mulheres

Barrios Salles						
Fatores associados ao risco de violência contra mulheres idosas: um estudo transversal	2021	Rute Costa Régis De Sousa; Gleicy Karine Nascimento De Araújo; Rafaella Queiroga Souto; Renata Clemente Dos Santos; Rafael Da Costa Santos; Luana Rodrigues de Almeida	Português	LILACS	Pesquisa quantitativa, analítica e transversal	Violência contra as mulheres em diferentes contextos
Social representations of Primary Health Care users about violence: a gender study	2020	Victoria Leslyê Rocha Gutmann; Camila Daiane Silva; Daniele Ferreira Acosta; Marina Soares Mota; César Francisco Silva da Costa; Carolina Costa Coutinho Vallejos	Português	SCIELO	Pesquisa qualitativa, descritiva	Violência contra as mulheres em diferentes contextos
Vulnerabilidade de mulheres em situação de violência atendidas em serviço especializado	2019	Potiguara de Oliveira Paz; Natália Silva Pires; Leticia Becker Vieira; Regina Rigatto Witt	Português	LILACS	Pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória	Violência doméstica e a vulnerabilidades das mulheres
Interpersonal physical violence: a temporal and spatial series analysis of cases of family and community aggression in the metropolitan region of Campina Grande, Paraíba	2018	Kevan Guilherme Nóbrega Barbosa	Inglês	LILACS	Pesquisa quantitativa	Violência contra as mulheres em diferentes contextos

**Fonte: Elaborado pela própria autora (2023).**

De acordo com a Tabela 1, foi possível observar que, dentre os artigos encontrados, houve a predominância da autoria feminina, tendo apenas um trabalho com autor principal do sexo masculino. Além disso, o quantitativo de estudos desenvolvidos com essa temática ficou bem equilibrado entre os últimos cinco anos, destacando-se apenas o ano de 2021, com dois artigos publicados. Somente dois artigos tiveram como metodologia a pesquisa quantitativa, enquanto os demais utilizaram a pesquisa qualitativa e descritiva como método. Por fim, dos artigos encontrados, apenas um foi através dos descritores na língua inglesa.

Dentre os materiais selecionados para este estudo, de acordo com os critérios de inclusão e exclusão citados anteriormente, entendeu-se como necessário dividi-los em duas categorias para melhor análise e discussão dos resultados. Nesse sentido, as categorias foram denominadas como: 1) Violência contra as mulheres em diferentes contextos; e 2) Violência doméstica e a vulnerabilidade das mulheres.

### 3.1 VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES EM DIFERENTES CONTEXTOS

Esta categoria tem como objetivo apresentar e discutir os artigos encontrados sobre a violência contra as mulheres, sem ênfase na violência doméstica, apresentando outros contextos de vulnerabilidade e ocorrência dessa violência, como o comunitário. Fizeram parte desta categoria três artigos.

Inicialmente, Barbosa (2018) teve como objetivo analisar os casos de violência física interpessoal familiar e comunitária, de acordo com a evolução temporal, no município de Campina Grande-PB e avaliar a distribuição espacial dessas violências. Para isso, utilizou-se de uma pesquisa quantitativa e teve como principais resultados o fato de que, entre os anos de 2008 a 2014, as principais vítimas de violência na região metropolitana de Campina Grande foram mulheres jovens, com a idade entre 20 e 29 anos, de escolaridade intermediária e sem ocupação formal, tendo o agressor de sexo masculino como predominância, normalmente sendo algum conhecido da vítima. Percebeu-se uma diferença significativa entre a violência nas regiões metropolitanas e na zona urbana de Campina Grande, com uma maior tendência de violência familiar na zona urbana e uma queda da violência comunitária, em comparação à região metropolitana. Isso possivelmente se explica devido às ações governamentais de segurança pública na zona urbana. Importante destacar que as regiões da cidade que apresentaram maior concentração de violência física no âmbito familiar têm menores rendas familiares.

Gutmann et al. (2020) elaborou um estudo objetivando analisar os conteúdos e a estrutura das representações sociais de pessoas atendidas pela atenção primária à saúde sobre a temática da violência. Utilizou-se de um estudo qualitativo, por meio de entrevistas e evocações livres de 150 pessoas atendidas nas unidades de saúde do município de Rio Grande-RS. A partir da coleta de dados entre janeiro e abril de 2019, identificou-se que as pessoas entrevistadas representaram a violência como a ação ocorrida contra outra pessoa, principalmente de grupos mais vulneráveis, inclusive contra animais, destacando-se a percepção da violência intrafamiliar e comunitária. Entre os relatos, especificamente uma pessoa do sexo masculino citou o assalto como mais grave do que o feminicídio, por não possuir uma justificativa para

ocorrer. Quanto às consequências, algumas mulheres que sofreram violência física afirmaram ter resultados psicológicos, morais e sociais. Percebeu-se nas entrevistas uma ideia de reprodução geracional, em que a convivência em ambientes violentos pode moldar uma personalidade mais agressiva na vida adulta, principalmente em homens. O estudo contribuiu também para relacionar questões de gênero, como padrões de masculinidade, direcionado a mulheres.

Ademais, Sousa et al. (2021) buscou identificar fatores de risco à violência contra mulheres idosas, através de uma pesquisa quantitativa, analítica e transversal feita com 122 mulheres idosas de Recife-PE. Os dados resultantes foram de predominância dos maus-tratos na faixa etária acima de 70 anos, devido a maior vulnerabilidade. Entre os fatores de risco, destacaram-se multimorbidade, capacidade funcional reduzida, sintomas depressivos e dependência funcional para atividades diárias.

Mesmo que, segundo a Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres (Brasil, 2011) elas sejam mais violentadas dentro do próprio lar, ainda é necessário considerar o contexto social em que se vive, o qual é perpassado por diferentes tipos de violências, dentre elas a comunitária, citada nos estudos anteriormente. Fatores como escolaridade, localização territorial, capacidade funcional, gênero e formação/desenvolvimento da criança/adolescente são fundamentais para entender as vulnerabilidades e os riscos que apresentam a condição social. Além disso, o contexto intrafamiliar e os relacionamentos amorosos existentes nele, por exemplo, são diretamente influenciados pelo funcionamento social e comunitário, a partir das referências de relações percebidas na infância, sejam elas propensas a comportamentos saudáveis e seguros ou comportamentos disfuncionais e perigosos. Como aponta Dias (2022), esses aspectos direcionam a forma da pessoa lidar com os relacionamentos afetivos na fase adulta.

Diante da temática deste trabalho, é importante discutir sobre o trecho do estudo de Gutmann et al. (2020), em que um homem relata o assalto com maior gravidade do que o feminicídio, estritamente por não ter motivo aparente, informação que se destaca pela divergência com os demais relatos dos trabalhos. Essa percepção reforça a não validação do sofrimento das mulheres nos relacionamentos abusivos, por vezes as colocando no lugar de culpadas, ao invés de vítimas, como retrata Souza e Costa (2019). Dessa forma, o encorajamento para a denúncia das agressões é enfraquecido, já que pode ser visto como sem motivos reais e/ou pela crença de que a violência faz parte de todo relacionamento. Além disso, é fortalecida a invisibilidade do sofrimento feminino mesmo considerando que, segundo

Oliveira et al. (2018), a agressão praticada contra as mulheres conta com um índice de mortalidade maior do que a mortalidade por malária, câncer e acidentes de trânsito.

### 3.2 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E A VULNERABILIDADES DAS MULHERES

Esta categoria tem como objetivo apresentar e discutir os artigos que retratam a relação entre a violência doméstica e as situações de vulnerabilidade das mulheres. Nesse sentido, também fizeram parte desta categoria três artigos.

Paz et al. (2019) objetivou analisar as vulnerabilidades das mulheres atendidas no Centro de Referência de Atendimento à Mulher em Situação de Violência (CRAM) do município de Porto Alegre-RS. Utilizou, para isso, uma metodologia qualitativa, descritiva e exploratória, com a participação de 15 mulheres que estavam em atendimento no CRAM, acima de 18 anos, entre o segundo semestre de 2017 e o primeiro semestre de 2018. A partir disso, identificou-se a vulnerabilidade que se manifesta na desigualdade da relação de gênero, através da dominação masculina, que faz com que as mulheres percam a autonomia e a liberdade, dificultando o enfrentamento da situação. O medo, a dependência financeira, a vergonha e o isolamento são relatados como as principais barreiras para denunciar os companheiros, também é citado a dificuldade de acesso à informação. A recuperação física e psicológica das mulheres só se torna possível após o rompimento do relacionamento. Destaca-se ainda a “violência institucional” como obstáculo para a denúncia, pois o despreparo dos profissionais, a naturalização e a culpabilização das mulheres nos serviços que deveriam prestar atendimento fazem com que elas desacreditem no serviço.

Lima et al. (2021) teve como objetivo do seu estudo descrever a experiência das mulheres vítimas das agressões dos parceiros em rodas de conversa da Instituição MATRIUSCA, em Brasília-DF. Através de uma abordagem qualitativa e descritiva, a pesquisa foi realizada com 10 mulheres acima de 18 anos. Dentre os resultados, notou-se que: todas as mulheres sofreram algum tipo de violência, sendo que 100% delas sofreram violência física, seguido da psicológica; a maioria das mulheres são mães e tiveram os filhos expostos às situações de violência; e todas tiveram a sua liberdade vetada pelo companheiro. Os principais fatores para essas mulheres não denunciarem os companheiros é o medo de perderem a moradia e a guarda dos filhos.

No estudo de Amarijo et al. (2022) o objetivo foi conhecer os dispositivos de poder utilizados pelos homens na violência doméstica contra a mulher, no panorama de enfermeiros da Atenção Básica de Saúde. A pesquisa teve caráter qualitativo, por meio de entrevistas com 20 enfermeiros, entre abril e junho de 2018, nas unidades de Atenção Básica do município de



Rio Grande-RS. Os enfermeiros observaram que os homens utilizam de dispositivos de poder materiais, como o uso de substâncias psicotrópicas, sob justificativa de estarem sob efeito de drogas, e de dispositivos de poder não materiais, como a cultura e a construção dos papéis sociais, o medo do agressor causar danos caso seja denunciado e o medo de viver a sua independência e autonomia.

Tendo-se como base os artigos identificados nesta categoria, percebe-se nitidamente a vulnerabilidade das vítimas por meio da recorrência da desigualdade de gênero e da relação de poder do homem sobre a mulher, identificado historicamente a partir da dominação do patriarcado e de demais estratégias de desvalorização e submissão das mulheres. De acordo com Araújo (2020), as mulheres encontram-se na posição de invisibilidade e de vítimas de relacionamentos abusivos há séculos, com maiores mudanças a partir do crescimento do movimento feminista. Como apontam os estudos destacados anteriormente, todas as mulheres entrevistadas sofreram violências dentro do relacionamento, sejam elas físicas, psicológicas ou morais. Para elas, o medo é um sentimento permanente, tanto dentro do relacionamento como quando se refere à denúncia, pois a partir dessa ação pode se resultar na perda da moradia, dos filhos, do recurso financeiro e emocional, por exemplo.

Diante desses sentimentos e vivências, as mulheres vítimas de violência tendem a se isolar cada vez mais, diminuindo ou perdendo a sua rede de apoio que, segundo Gomes e Fernandes (2018), é um fator que as deixam mais vulneráveis para suas decisões e planejamento de futuro. Ao permanecer nesse contexto, os filhos também ficam expostos a situações de violência, como apresentado na pesquisa de Lima et al. (2021), que corrobora com a disseminação da cultura de opressão do homem sobre a mulher. Dessa forma, é imprescindível ter a compreensão das barreiras enfrentadas pelas vítimas, sejam elas pessoais ou institucionais, na efetivação das denúncias, para que assim o governo possa agir de forma assertiva nas informações propagadas e nas intervenções, como de segurança, de apoio psicológico, médico, financeiro, entre outros que vão de encontro ao enfrentamento da violência doméstica.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo desta pesquisa foi investigar as condições de vulnerabilidade que contribuem para a permanência de mulheres em relacionamentos amorosos permeados pela violência doméstica. Nesse sentido, identificou-se que os artigos versavam sobre os assuntos de violência intrafamiliar e comunitária, considerando os locais de pesquisa e as vulnerabilidades que esses carregam, bem como a influência da idade, da escolaridade e do desenvolvimento infantil e adolescente como variáveis relevantes para a compreensão e o

enfrentamento dos diversos tipos de violência contra as mulheres. Os artigos também retratavam a naturalização e não validação dessa violência e do sofrimento da mulher em decorrência disso, além dos fatores de risco da violência contra mulheres idosas. Ademais, as pesquisas abordavam as diversas vulnerabilidades e os sentimentos que permeiam as experiências das mulheres violentadas, bem como os obstáculos da denúncia por parte dessas mulheres e os dispositivos de poder e coação utilizados pelos homens.

De forma geral, percebeu-se que a utilização do descritor “dependência”, visto nas referências teóricas como um fator importante para a permanência das mulheres nessas relações, pode ter limitado o acesso a um número maior de conteúdo, fator percebido durante a elaboração dessas considerações. No entanto, os resultados conseguiram demonstrar as diferentes condições de vulnerabilidade ao qual as mulheres estão expostas na sociedade atual, marcada pelo patriarcado e pelo machismo. Sugere-se, por fim, que a pesquisa voltada para essa temática seja fomentada e disseminada, em contribuição à luta feminina de visibilização e tolerância, colaborando assim para a discussão de um problema social e de saúde pública, com possibilidade de amparar um maior incentivo das ações governamentais de prevenção e intervenção aos casos de violência contra a mulher.

## 5 REFERÊNCIAS

ALBERTIM, Renata; MARTINS, Marcelo. Ciclo do relacionamento abusivo: desmistificando relação tóxicas. **41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2018, Joinville.** São Paulo: Intercom, 2018. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018>>. Acesso em: 09 abr. 2023.

AMARIJO, Cristiane Lopes. et al. Dispositivos de poder empregados por homens na violência doméstica contra a mulher: perspectiva de enfermeiros. **Journal of nursing and health**, Rio Branco, v. 12, n. 1, p. 1-15, 2022. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/biblio-1415743>>. Acesso em: 18 set. 2023.

ARAÚJO, Naiara Lima. **Dependência Emocional: Mulheres que sofrem violência.** TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Área do Conhecimento de Humanidades, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/11338/9075>>. Acesso em: 08 abr. 2023.

BARBOSA, Kevan Guilherme Nóbrega. **Interpersonal physical violence: a temporal and spatial series analysis of cases of family and community aggression in the metropolitan region of Campina Grande, Paraíba.** Minas Gerais, 2018. 217 p. Tese (Doutorado em Odontologia), Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ODON-AXSPV5>>. Acesso em: 18 set. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Reta LA, Pinheiro A. tradutor. Lisboa: Edições

70, 1977.

BRASIL. **Lei Maria Da Penha**. Lei N.º11.340, de 7 de agosto de 2006. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)>. Acesso em: 08 abr. 2023.

BRASIL. Secretaria de Políticas para as Mulheres – SPM. Presidência da República. Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres. **Política Nacional de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres**. 2011. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/assuntos/violencia/pacto-nacional/documentos/politica-nacional-enfrentamento-a-violencia-versao-final.pdf/view>>. Acesso em: 09 abr. 2023.

BUTION, Denise Catricala; WECHSLER, Amanda Muglia. Dependência emocional: uma revisão sistemática da literatura. **Est. Inter. Psicol.**, Londrina, v. 7, n. 1, p. 77-101, 2016. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2236-64072016000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072016000100006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 08 abr. 2023.

DIAS, Antônia Grazianne Ferreira. **Dependência emocional**: uma perspectiva cognitivo-comportamental a partir da Teoria do Apego e dos Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDS). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Curso de Psicologia, Centro Universitário Christus, Fortaleza, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.unichristus.edu.br/jspui/handle/123456789/1403>>. Acesso em: 08 abr. 2023.

ECHEVERRIA, Gabriela Bothrel. A Violência Psicológica Contra a Mulher: Reconhecimento e Visibilidade. **Cadernos De Gênero E Diversidade**, v. 4, n. 1, p. 131–145, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.9771/cgd.v4i1.25651>>. Acesso em: 09 abr. 2023.

GOMES, Ingrid Raphaelle Rolim; FERNANDES, Sheyla Christine Santos. **A permanência de mulheres em relacionamentos abusivos à luz da teoria da ação planejada**. Bol. - Acad. Paul. Psicol., São Paulo, v. 38, n. 94, p. 55-66, 2018. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-711X2018000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2018000100006)>. Acesso em: 08 abr. 2023.

GUIMARAES, Maisa Campos; PEDROZA, Regina Lucia Sucupira. Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e jurídicas. **Psicologia & Sociedade**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 256-266, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/Dr7bvbkmvcYSTwdHDpdYhfn/>>. Acesso em: 18 set. 2023.

GUTMANN, Victoria Leslyê Rocha. et al. Social representations of Primary Health Care users about violence: a gender study. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 1-9, 2020. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/rngenf/article/view/108355>>. Acesso em: 18 set. 2023.

INSTITUTO DE PESQUISA DATASENADO. **Relatório de pesquisa: violência doméstica e familiar contra a Mulher - 2021**. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/materias/pesquisas/violencia-domestica-e-familiar-contra-a-mulher-2021>>. Acesso em 09 abr. 2023.

LEÃO, Bruna Marques. et al. Relacionamento Abusivo: o patriarcado e suas influências na atualidade. **Materializando Conhecimento**, v. 8, n. 1, p. 1-19, 2017. Disponível em: <<https://www.redeicm.org.br/revista/indice-por-titulo-2017/>>. Acesso em: 18 set. 2023.

LIBERATI, Alessandro et al. The PRISMA statement for reporting systematic reviews and meta-analyses of studies that evaluate health care interventions: explanation and elaboration. **Annals of internal medicine**, v. 151, n. 4, p. 65-94, 2009.

LIMA, Anna Júlia Veras de. et al. Experiências de Mulheres Vítimas de Violências. **REVISA (Online)**, Distrito Federal, v. 10, n. 2, p. 871-886, 2021. Disponível em: <<http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/837>>. Acesso em: 18 set. 2023.

LOURENCO, Lélío Moura; COSTA, Dayane Pereira. Violência entre Parceiros Íntimos e as Implicações para a Saúde da Mulher. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, 2020. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-82202020000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202020000100010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 dez. 2023.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-764. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-507765>>. Acesso em: 18 set. 2023.

OLIVEIRA, Caio Alves Barbosa de. et al. Perfil da vítima e características da violência contra a mulher no estado de Rondônia - Brasil. **Revista Cuidarte**, Porto Velha, vol. 10, n. 1, p. 1-12, 2018. Disponível em: <<https://revistas.udes.edu.co/cuidarte/article/view/573/1052>>. Acesso em: 08 abr. 2023.

PAIM, Kelly; CARDOSO, Bruno Luiz Avelino. **Sua História de Amor: Um Guia Baseado na Terapia do Esquema para Compreender seus Relacionamentos e Romper Padrões Negativos**. 1. ed. Artmed Editora, 2022.

PAZ, Potiguara de Oliveira. et al. Vulnerabilidade de mulheres em situação de violência atendidas em serviço especializado. **Aquichan**, Chía, v. 19, n. 2, p. 1-12, 2019.

RISO, Walter. **Amar ou depender?** Como superar a dependência afetiva e fazer do amor uma experiência plena e saudável. (M. Aseff, Trad.). 1. ed. Porto Alegre: L&PM, p. 8-10, 2009.

SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS PARA MULHERES. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Enfrentando a violência contra a mulher**. Brasília, 2020. Disponível em: <[https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/maio/cartilha-auxilia-mulheres-no-enfrentamento-a-violencia/Cartilhaenfrentamento\\_QRCODE1.pdf](https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/maio/cartilha-auxilia-mulheres-no-enfrentamento-a-violencia/Cartilhaenfrentamento_QRCODE1.pdf)>. Acesso em: 09 abr. 2023.

SOUSA, Rute Costa Régis de. et al. Fatores associados ao risco de violência contra mulheres idosas: um estudo transversal. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 29, 2021. Disponível em: <[http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692021000100303&lng=pt&nrm=iso](http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692021000100303&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 18 set. 2023.

SOUZA, Nivea Augusta Costa; COSTA, Karine Ferreira. **Fatores que levam as mulheres a permanecerem em relacionamentos abusivos**: Entendendo subjetividades subjugadas. Faculdade Ciências da Vida, 2019. Disponível em: <[https://www.faculdadecienciasdavid.com.br/sig/www/openged/ensinoBibliotecaVirtual/000186\\_624c60ecc874c\\_048596\\_5fecf47632e0c\\_NIVIA\\_AUGUSTA\\_COSTA\\_SOUZA.pdf](https://www.faculdadecienciasdavid.com.br/sig/www/openged/ensinoBibliotecaVirtual/000186_624c60ecc874c_048596_5fecf47632e0c_NIVIA_AUGUSTA_COSTA_SOUZA.pdf)>. Acesso em: 08 abr. 2023.

**APÊNDICE A – ALTERAÇÕES SUGERIDAS PELA BANCA**

<b>Sugestões da Banca</b>	<b>Atendida/ Não atendida</b>
Abordagem do feminicídio nas regiões Norte e Nordeste	Não atendida, pois traria uma abrangência para o estudo que não está diretamente relacionada ao objetivo desta pesquisa e no qual não seria possível aprofundar.
Fatores socioculturais no processo de naturalização dos relacionamentos abusivos com a mulher como vítima	Atendida
Revisão dos objetivos específicos	Atendida, embora, pela estrutura de artigo científico, não foram incluídos os objetivos específicos
Fomentar a relevância do tema	Atendida